

5. Natalino Ferreira Mendes: arauto da história

Romyr Conde Garcia¹⁴

RESUMO: Este artigo é uma abordagem crítica da obra de Natalino Ferreira Mendes a partir dos “Fragmentos da história cultural de Cáceres”, Volumes I e II, procurando situar o autor dentro das principais correntes históricas do século XX, que são o Historicismo e o Positivismo, de modo a desenvolver um diálogo entre o emérito professor e o mundo acadêmico e político em que ele viveu. Passando pelo tempo de Getúlio Vargas (1930-1945), Primeiro Período Democrático (1945-1964), Ditadura Militar (1964-1986), até chegar à Redemocratização em 1986.

Palavras-chaves: Natalino Ferreira Mendes; Positivismo; Historicismo; Historiografia; Mato Grosso.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
1 de maio de 2024	5 de setembro de 2024

NATALINO FERREIRA MENDES: HERALD OF HISTORY

ABSTRACT: This article is a critical approach to the work of Natalino Ferreira Mendes based on the “Fragments of the cultural history of Cáceres”, Volumes I and II, seeking to place the author within the main historical currents of the 20th century, which are Historicism and Positivism, in order to develop a dialogue between the emeritus professor and the academic and political world in which he lived. Going through the time of Getúlio Vargas (1930-1945), First Democratic Period (1945-1964), Military Dictatorship (1964-1986), until Redemocratization in 1986.

Keywords: Natalino Ferreira Mendes; Positivism; Historicism; Historiography; Mato Grosso.

14 Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), graduado em História pela UFF, com mestrado e doutorado em história pela USP, pós-doutorado em História pela UFF. Mestre em defesa das artes das trevas, doutor em ciências ocultas, mago do chapéu Panamá. Atualmente como professor do curso de Direito, especialista em História do Direito. Escritor de artigos e ensaios acadêmicos.

Introdução

Pode parecer estranho o que irei lhes dizer, mas não se lê no curso de História, em Cáceres, a obra de Natalino Ferreira Mendes. Ou, pelo menos não se lia, já que deixei este curso em 2009, me transferindo para o curso de jornalismo em Alto Araguaia. Mas não acredito que mudou muito desde então.

A razão para não lermos a obra de Natalino, ou a desculpa que se dava, é que não existia uma disciplina específica de história de Cáceres, mas sim de história regional I e II, e que a obra do historiador cacerense seria mais para aqueles que teriam que estudar de forma mais específica, a história municipal.

Trata-se de uma desculpa esfarrapada pois praticamente a maioria dos nossos alunos faziam trabalhos de final de curso sobre Cáceres e região, e não tem como fazer isso sem citar o maior historiador cacerense, nem que fosse para criticá-lo.

Por trás desta desculpa posso lhes dizer a verdadeira razão.

Natalino Ferreira Mendes pertence a um tipo de história que não se faz mais.

A princípio pensava que ele seguisse a orientação teórica do historicismo brasileiro, bem conservador e nacionalista, porém, ao me aprofundar na sua obra, percebi que ele seria mais ainda da orientação positivista, bem nacionalista e progressista. Hoje vejo que seria uma mistura das duas correntes. Só o que assusta as novas gerações de historiadores, afastando-os da sua obra, é o fato de Natalino juntar história com literatura.

Um bom exemplo disso está bem no início da obra “Fragmentos da história cultural de Cáceres”, Volume I, na passagem “Fumaça: é a sua vez”. Obra organizada pela sua filha, professora Olga Castrillon-Mendes, no ano de 2021.

Esta pequena passagem junta muito das características que, acredito, estejam presentes em toda sua obra, pois ele procura mostrar que o solo de Cáceres é muito fértil, e que deste “viriam as plantações, desenvolver-se-ia a agricultura e as duas atividades, pastoril e agrícola, formariam a riqueza e a prosperidade da região” (p. 22).

No fundo, o que ele quer dizer é que, duzentos anos depois de Luís Albuquerque ter estabelecido Vila Maria do Paraguai, tanto pela sua localiza-

ção privilegiada como pela fertilidade da sua terra, Cáceres seria “sacudida pela nova bandeira de brasileiros de vários estados e alguns estrangeiros, que para aqui se deslocaram em busca de boas terras”.

Uma das características da corrente historiográfica historicista brasileira é justamente o nacionalismo e o amor pelo passado, já desenvolvimentismo, ou melhor, a ideia de progresso, pertence mais a outra corrente, a do positivismo. Junto com estas duas características, temos uma terceira característica: é a presença de uma certa visão teleológica da história. Ou seja, a história carrega consigo uma predestinação. Ela está destinada a um determinado fim. Neste ponto, ambas correntes podem ser citadas.

Quanto a visão teleológica da história, certa vez eu disse que...

Existem certos discursos históricos que carregam uma predestinação, como se os personagens e acontecimentos da história estivessem interligados e destinassem a um determinado fim. Tal qual a Teleologia aristotélica, onde existiria determinados fins, ou metas, que estariam guiando todas as transformações da humanidade para chegar ao momento em que vivemos. (o Autor)¹⁵.

No caso deste texto de Natalino Ferreira Mendes, a região de Cáceres estava predestinada a ser, em primeiro lugar, a Vila Maria do Paraguai: o entreposto militar e mercantil da Coroa Portuguesa no caminho da Estrada Real que ligava Vila Bela a Cuiabá. Em segundo lugar, pela riqueza do seu solo, por ser a cidade polo de um grande movimento de colonização agrícola iniciada nos anos de 1950 que irá gerar diversos municípios, como Mirassol, Quatro Marcos, Glória do Oeste, Rio Branco, entre tantos outros.

Está certo que esta predestinação é uma das características principais da sua obra. Pelo menos é assim que eu vejo, já que li muito pouco deste autor. Só que existe outra. E essa faz os historiadores contemporâneos virarem a cara.

Sem mais nem menos, durante a sua explicação histórico-geográfica, Natalino lança um poema de sua autoria no meio do seu texto.

Isso mesmo: é uma mistura de texto historiográfico com literário.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/.../23790.../posts/261075782852363/>>. Acesso em: 4 abr. 2024.

Esse tipo de escrita não existe mais.

Aliás, nunca peguei uma obra assim nos meus tempos de graduação.

Porém, encontrava muitos textos com esta verve quando visitava cidadeszinhas do interior do Rio de Janeiro.

Sobre estas obras, tanto os autores como o público, não estavam interessados em textos acadêmicos, mas sim entretenimento.

Talvez seja esta razão para a academia não adotar os textos de Natalino Ferreira Mendes, por não considerarem acadêmicos para os cursos de história.

Da minha parte, quando eu cheguei em Cáceres, cheio de ambições acadêmicas, sabia que só existiria alguém importante para ser desafiado: Natalino Ferreira Mendes. Ele era e ainda é o maior historiador de Cáceres.

Contudo, ao conhecê-lo pessoalmente esta vontade passou. Ele era um ser tão doce, educado, um cavalheiro das antigas, que não mereceria travar um duelo acadêmico com um jovem tão arrogante e ambicioso como o “Julian Sorrel” aqui.

Passado o tempo, depois de ver o jovem bonapartista ser executado na praça pública da minha vida acadêmica, ao invés de desafiar o velho historiador de Cáceres, prefiro lhe propor uma parceria.

Contextualização histórica

Tive contato com a obra de Natalino Ferreira Mendes logo que cheguei a Cáceres no ano de 1994, e por dois anos estudei a história fiscal/administrativa do município, período que vai da sua elevação a município em 1859/60 até a virada do século XX.

Li apenas a “História de Cáceres: História da Administração Municipal”, que para qualquer um que for estudar Cáceres, é uma leitura obrigatória. Mas preciso dizer que não lembro do que li, em parte por causa do horizonte teórico do autor.

Para falar neste horizonte teórico do autor, precisarei tocar nas três grandes correntes que dominavam o universo acadêmico no tempo em que ele viveu, que são o historicismo, o positivismo e o marxismo. Para estas correntes, gosto muito de usar os textos de Michel Lowy e de Walter Benjamin, a qual sou apaixonado.

A obra de Natalino Ferreira Mendes situa-se teoricamente entre as escolas historicistas e positivistas. A princípio, para quem lê, seria mais a primeira que a segunda. Posso até afirmar que praticamente temos neste autor a fusão das duas correntes. É fácil de perceber isso logo nos seus primeiros textos.

O Historicismo é uma corrente conservadora que se volta ao passado para resgatá-lo e para glorificá-lo. Esta corrente tem medo do futuro, pois quanto mais avançamos no tempo, mais distante estaremos do nosso “passado glorioso”. Por estas características o historicismo tende construir um tempo imóvel, fragmentado por eras estáticas e marcado pela passagem de grandes personagens, principalmente governantes, militares e artistas. Se bem que, dentro do historicismo alemão, temos uma clara identificação com aquilo que eles mesmos chamam de “Civilização”, particularmente a germânica. Neste ponto ela se volta para um futuro, conquanto que o povo jamais se esqueça do passado. Para avançar, precisa-se manter nos valores de outrora, dos seus antepassados. Sair deste trilho seria a perdição.

Ao falar deste “trilho” historicista dois movimentos surgem na minha memória de historiador: o romantismo e o nazismo.

É claro que as obras e autores historicistas carregam muito de subjetividade.

O Positivismo surge como uma corrente contrária ao Historicismo por duas características, ver a história de forma objetiva (científica) e por se voltarem para o futuro, para o progresso da humanidade. Não é a toa que eles abraçaram de forma entusiástica e perigosa, para não dizer equivocada, a Teoria da Evolução de Charles Darwin. Neste caso, o estudo da história serve para avançar adiante e não cometermos os mesmos erros dos nossos antepassados. E tem mais, pela sua lógica, estamos melhores que aqueles que viveram em eras de antanho.

A princípio, por oposição ao Historicismo, o Positivismo tem algo de contrário ao conservadorismo, mas não chega a ser revolucionário como o Marxismo. Os positivistas se interessam pelo social e por abordagens que tocam na vida do povo comum, se afastando do culto às personalidades e aos vultos históricos como fazem os historicistas.

Apesar da maioria dos positivistas brasileiros serem claramente conservadores e antirrevolucionários, as vezes encontramos algum autor que

foge deste perfil. Este é o caso de Capistrano de Abreu. Foi o historiador cearense, autor de “Capítulos de História Colonial” que me veio à cabeça quando li o texto de Natalino Ferreira Mendes “Cáceres: 196 anos em busca da concretização do sonho de Albuquerque”, que consta bem no início do primeiro volume de “Fragmentos da história cultural de Cáceres”.

Natalino inicia o seu texto citando o nome dos fundadores da cidade, um governador e um tenente de dragões para depois “destacar” os pioneiros da sua terra, ou seja, os fazendeiros, grandes proprietários de terras e lideranças políticas. Ele não esquece um sobrenome destes senhores. É isso o que se espera de um historiador historicista, mas logo em seguida ele irá falar em vários “heróis anônimos”. Estes heróis, como ele bem frisou, não tem nomes, e sim ocupações. São “lavradores”, “tropeiros”, “vaqueiros”, “poeiros”, “canoeiros” e “caçadores”. Como ele mesmo afirma: “Heróis anônimos que fizeram a grandeza do município” (p. 16).

Confesso que senti falta de outros ‘heróis’ como “comerciantes”, “agentes”, “profissionais liberais”, “militares” e até “governantes”. Mas talvez Natalino reconheça apenas aqueles em que o trabalho esteja vinculado a terra, afinal, ele buscava ouvir “a natureza dos pássaros mil”, sentia “o cheiro da terra nas primeiras chuvas” e o “sibilo das cigarras nos cajueiros”. Ele busca o homem natural. O homem que reflita a mais pura alma cacerense. Essa característica me lembra demais os historicistas mais românticos, porém, lembra também positivistas como Euclides da Cunha.

Este interesse de buscar o “herói anônimo”, o trabalhador, está muito presente em Capistrano de Abreu, porém, a tendência de Natalino é se afastar do historiador cearense. Apesar da sua obra se voltar para o futuro, para a predestinação de Cáceres, como o título sugere, o autor cacerense não mostrará as lutas, as revoltas muito menos a opressão sofrida por este povo comum. Coisa em que Capistrano era mestre.

A história de Natalino Ferreira Mendes, como está nítido neste primeiro texto, funde historicismo e positivismo de forma que não dá para separar um do outro. Cáceres está destinada a se desenvolver até cumprir o “sonho de Albuquerque”, onde algumas figuras ilustres serão destacadas enquanto a imensa massa de “heróis anônimos” faz a história girar.

Espero que esteja errado. Que possa encontrar em sua obra um destes heróis obscuros, seja poeiri, lavrador ou vaqueiro digno de constar na sua lista de “pioneiros”. Algum herói simples, mas com nome e sobrenome.

Ah, pela forma que estou me colocando, é claro que pertenço a corrente marxista. Justamente a única que ficou faltando na obra de Natalino Ferreira Mendes.

A quem Natalino estabelece uma relação de empatia na sua história?

Já disse que Natalino Ferreira Mendes situa-se entre duas grandes correntes teóricas e ideológicas, o historicismo e o positivismo, a ponto de combinar o ensejo de progresso com o culto das personalidades históricas.

Esta combinação fica evidente quando o nosso autor dedica sua lavra sobre as grandes datas nacionais. Foi o que constatei na coletânea “fragmentos da História Cultural de Cáceres” organizada por sua filha Olga Maria Castrillon-Mendes.

Não sei como a minha colega ordenou os fragmentos históricos do seu pai, se alguns parecem material de jornais e revistas, outros se assemelham a anotações.

Não sei se existe uma ordem cronológica ou temática, mas sei que no final do primeiro volume surge uma sequência de pequenos textos sobre datas importantes para a história do Brasil, como o 22 de abril, o Dia da Pátria, o Sete de Setembro, que dispensa comentários, 19 de novembro, o Dia da Bandeira, o 19 de abril, o Dia do Índio [hoje Dia dos Povos Indígenas] e o primeiro de maio, o Dia do Trabalho.

Existem datas interessantes para a história local, como o seis de outubro, fundação de Vila Maria do Paraguai; 13 de junho, retomada de Corumbá, como também outras datas da Guerra do Paraguai como 11 de junho, Batalha do Riachuelo e 24 de maio, Batalha de Tuiuti. Isso me faz lembrar das cidades do Rio Grande do Sul, como Santa Maria, onde ruas centrais homenageiam estas batalhas.

Gaúchos como mato-grossenses tiveram parte do seu território tomado pelas forças de Solano Lopez.

Mas voltando a Natalino e suas efemérides nacionais. Ao ler o seu texto percebo o quanto ele venera o progresso da sua terra, do seu Estado, do seu País e da humanidade.

Parece existir uma evolução natural e pacífica da história brasileira e mato-grossense, vejam o que eu quero dizer lendo o texto abaixo:

[...] vemos-te Brasil, em retrospecto descoberto por Cabral, ensaiando teus primeiros passos pelo litoral. Cresceste e, audacioso, fizeste a grande investida do sertão – Brasil – bandeirante! Experimentaste o Império, mas teu destino era a República. E agora, vemos-te todo voltado para a integração nacional. Teu solo, antes deserto no interior, está-se bordando de estradas. Deixas de ser a faixa litorânea para ser um todo – integração nacional. (Mendes, Vol. I, 2021, p. 155).

Ao ler este trecho como faz sentido a crítica de Walter Benjamim à história historicista, que para o filósofo alemão seria uma anti-história. A história de Natalino o “tempo histórico é ‘vazio e homogêneo’, que rumo sempre para o progresso.” (Garcia, *O Anjo Vingador...*, 2019, p. 8).

Como falei antes, estamos diante de um “processo atemporal sem rupturas e o que é pior, uma História que se identifica com os vencedores, e por estes evocar uma particular empatia” (idem).

Num ensaio do meu livro “O Anjo Vingador”, onde abordo a crítica de Walter Benjamin à história historicista, seguindo as recomendações do filósofo alemão, ao se ler uma história devemos perguntar “a quem o investigador historicista estabelece uma relação de empatia”? (idem, p. 9).

É claro que Natalino Ferreira Mendes, como qualquer outro historiador conservador, será com o vencedor.

São capitães gerais, tenentes de dragões, fazendeiros, políticos, empresários, e todos aqueles que pertencem às grandes e tradicionais famílias, sejam na cidade de Cáceres, como Cuiabá ou no Estado.

Precisam ler como ele descreve a beleza das “irmãs Miranda” no fragmento “Famílias onde enaltece a beleza da mulher cacerense (idem, p. 132). Das três irmãs, a primeira se casará com o último governador de Mato Grosso antes da divisão, e a outra, com o arquiteto professor universitário, prefeito da cidade de Corumbá e a terceira casada com um coronel reformado, diretor da Mineração Urucum”.

Percebe-se isso em várias outras passagens. Nem precisarei falar aqui como ele ataca as ideias revolucionárias contidas no Primeiro de Maio, em que condena o “excesso de liberalismo que prega concorrência sem freio” (idem, p. 166), bem como a luta de classes da filosofia marxista “que são contrários aos princípios cristãos e à própria natureza humana”.

Afinal, sendo um conservador, o que esperar de historiador assim?

Faz todo sentido ele defender estas bandeiras.

No Historicismo, a história segue sempre o mesmo sentido (o progresso) e as únicas vezes que corre perigo é justamente quando ela ameaça de sair dos trilhos, ou seja, nas rebeliões e, principalmente, nas revoluções. Tirando isso, a História nunca poderá seguir outros sentidos ou outras abordagens, ela sempre estará na camisa de força dos fatos no longo rosário que é a cronologia.

“O tempo histórico evolui, porém nunca sai do lugar”. (Garcia, 2019, p. 8).

Contudo, o que dói em ler na sua obra é justamente quando se trata do povo oprimido e anônimo que esta história ajuda a esconder.

A história “vencedora” faz de tudo para apagar a memória dos “derrotados”, dos oprimidos, para estabelecer uma realidade imutável que perpetua a opressão, a exploração e a miséria. Sendo que qualquer movimento, ação ou ideia que tende a ir contra isso se tornará anticristã e antinatural.

Como falei anteriormente, seus heróis anônimos tendem a ficar anônimos.

E existe um belo e triste fragmento que pode exemplificar isso, “Frente ao Túmulo” (Mendes, Vol I, 2021 p. 139), onde relata o sepultamento do “corpo inanimado da velhinha à terra do Cemitério, restituindo ao pó o que lhe pertencia”.

Como nos fala Natalino...

Era uma anciã que na miséria mais extrema vivera seus últimos instantes de existência. Felizmente, pessoas dedicadas a acudiram em tempo e lhe foi dado [...] uma rede, assim como algum recurso para atendê-la no desfecho da sua vida: a morte! (idem).

Essa triste história permite ao escritor cacerense refletir sobre a morte e como tudo entre nós é passageiro, efêmero...

neste ponto nosso pensamento desvanece. Os olhos não veem mais, a meditação se limita.

Chegamos ao ponto máximo em que podemos penetrar neste mistério inacessível às criaturas humanas.

A crença, porém, nos possibilita ir mais longe, assim como o telescópio permite aos estudiosos do céu, ver mundos que a olhos desarmados não veem (idem)

Procurei por todo o texto o nome da velhinha morta e não encontrei nome ou sobrenome.

A que família cacerense ela pertencia?

Qual bairro morou?

Se teve filhos e netos?

Se casou?

Teve algo além da sua miserável vida?

Se pelo menos amou alguém?

Pelo texto, o autor está mais atarrecido com a morte em si do que a pessoa que ele viu sepultar, muito menos com as condições que tornaram a vida desta senhora tão “miserável”.

Como tinha alertado, no historicismo os heróis anônimos tendem a ficar anônimos.

Essa velhinha teve o mesmo fim que poaeiros, roceiros, caçadores e vaqueiros da história de Cáceres.

Eles apenas fazem a história girar enquanto as grandes personalidades vão marcar a sua história e por isso serão lembradas.

É por essa razão que Benjamim clama que o historiador precisa “arrancar a tradição ao conformismo”.

Nos foi dado o privilegiado e exclusivo dom de “despertar no passado as centelhas da esperança”, pois estamos convencidos que nem “os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer.” (Benjamim, Teses sobre História, Tese VI)

E como nos mostra a obra de Natalino Ferreira Mendes, “esse inimigo não tem cessado de vencer”. (idem)

Contexto Histórico

Como já disse, conhecia muito pouco sobre a obra de Natalino Ferreira Mendes, contudo, ao ler “Fragmentos de história cultural de Cáceres e outros fios da memória”, me surpreendeu o otimismo de Natalino para com o

futuro da sua terra, pois esperava encontrar nele mais um romântico conservador historicista, que ama o passado e teme o futuro. Pensava encontrar mais um historicista clássico do que um positivista.

Minha postura era por demais preconceituosa, afinal, profissionais formados pela academia tendem a torcer o nariz para os historiadores amadores e autodidatas. Logo de cara pensamos nos velhos historicistas do passado.

Só que ao ler os dois volumes de fragmentos, percebi que Natalino está mais para memorialista e cronista do que historiador. Em seus textos a história é pano de fundo para algo maior, o problema é que este “algo maior” encontra-se mais no futuro do que no presente.

Falarei disso mais adiante, mas agora preciso falar um pouco mais sobre o autor. Tentar caracterizar e situar a sua obra dentro do momento histórico que ele viveu.

A paixão pelo progresso em Natalino Ferreira Mendes é explicado pela sua própria formação. Aliás, por toda educação regular que os brasileiros tiveram após a Proclamação da República em 1889, que tinha como espírito o lema positivista de “Amor, Ordem e Progresso”. Se forem ler a sua obra pensando neste lema perceberão como os textos fazem sentido.

O amor aqui vincula-se à sua terra natal e ao seu povo, que se estende para a os habitantes do seu Estado e do país até açambarcar toda humanidade. Porém, como ele veio para enaltecer a sua terra, fica evidente para que se destaque Cáceres e os seus habitantes.

Ordem e progresso era para ser o grande motor do nosso desenvolvimento como nação, mas sabemos que, seja pela elite dominante, como pelos militares que volta e meia a tutelava, estaria mais para “Progresso com Ordem”. Ou melhor, um determinado progresso, dentro daquilo que podemos oferecer ao povo.

Natalino Ferreira Mendes parece não se incomodar com isso. E na minha opinião, deveria compartilhar dos mesmos anseios que a elite dominante e militares. Em parte, pela sua educação, que é muito semelhante à dos meus pais; em parte pela classe social de que vinha e pelas relações de poder que estabeleceu com diversos governantes na sua longa vida pública.

O nosso autor nasceu, curiosamente, num dos anos mais conturbados períodos da República Velha, no dia três de janeiro de 1924, poucos meses

antes de estourar em São Paulo a Revolta Tenentista de 9 de julho. Lembrando que esta rebelião dará origem à Coluna Prestes, que iniciou e terminou sua aventura no Estado de Mato Grosso.

Partindo desta data, devemos refletir que ele estudou as primeiras letras no colégio São Luiz, administrado pelos freis franciscanos, sob a política educacional de Getúlio Vargas. E com menos de 18 anos, ainda na ditadura Vargas, serviu no Tiro de Guerra em Cuiabá. Em 1944. Antes da queda do ditador gaúcho (1945), ele já iniciara sua carreira como educador.

Estava aqui fazendo meus cálculos: se Natalino nasceu em 1924, teria que se apresentar para servir ao exército em 1941, passaria todo ano de 1942 servindo, justamente no ano que o Brasil declarou guerra à Alemanha, no dia 22 de agosto. Ficaria “preso” no quartel, assim como todos da sua classe e ano, e no ano seguinte estaria pronto para servir no *front* europeu, já que o governo deveria chamar aqueles jovens soldados que já tiveram treinamento militar.

Não sei como foi, mas o nosso autor escapou de lutar no maior conflito do século XX. Seus parentes devem estar levantando as mãos para aos céus, pois se fosse, corria o risco de não terem nascido.

Voltando ao assunto, resumindo, toda a sua formação escolar se dá no período Vargas.

E por que é importante?

Porque a educação dos tempos de Vargas foi aquela que imprimiu em gerações de brasileiros, com mais força, a ideia de Ordem e Progresso, que qualquer outro momento da nossa história. Nem mesmo a Ditadura Militar conseguiu realizar tal façanha. Sendo que o “amor” era para com a pátria e não para o próximo, como Jesus pregou.

Esta formação ajuda entender o autor e sua obra.

Natalino Ferreira Mendes passou por dois períodos ditatoriais, 1937/45 e 1964/84 e dois períodos de governo democrático, 1945/64 e 1984 até os nossos dias. Vindo a falecer no primeiro mandato da presidente Dilma Youssef. Pelos seus textos, mesmo sendo um cronista, não se percebe mudança de tom ou de abordagem nas suas histórias, pouco importando se o período fosse democrático ou ditatorial.

Natalino perpassa todos os períodos históricos e gestões municipais na sua mesma balada, no seu ritmo, como um bom historicista.

Postura assim pode ser boa para sobreviver em momentos ruins, e foram dois.

Fico imaginando: como seria a minha “miserável” vida de historiador contestador na ditadura de Vargas ou mesmo na Ditadura Militar?

Esta última, quando tomei conhecimento dela e me tornei um opositor, já estava em declínio e não tive que enfrentar a tropa na rua. Se bem que sofri com colegas da universidade, no início dos anos oitenta, ainda a censura e a impossibilidade de manifestar livremente.

Porém, esta postura de “neutralidade” traz problemas para Natalino e sua obra.

Como o autor não demonstra ou se esforça para ser apolítico, não existindo um olhar crítico aos governos que ele serviu e/ou conviveu, os seus textos não fazem reflexões originais sobre a história da sua cidade, estado e país.

O que eu quero dizer é que ele não traz nada de novo do ponto de vista histórico.

Tirando justamente seu livro sobre a História Administrativa de Cáceres, em que ele compila e nos revela atos e fatos da gestão municipal, que é algo muito relevante, os demais textos em que se volta para o passado ele reforça o que já foi dito por outros historiadores e principalmente, pelo discurso do IHGMT.

Vejo que a sua grande contribuição tenha sido justamente por fazer a junção entre história, literatura e educação.

A questão não era revelar algo novo, mas, como educador, imprimir nas gerações uma moral sobre a história de Cáceres, que praticamente não existia.

Estamos diante de um professor, que amava a sua terra e que gostaria que a sua história estivesse presente na vida dos seus alunos e se possível, em todos os cacerenses.

Uma história ao mesmo tempo moral e progressista.

E isso ele conseguiu realizar.

Pensando assim, vale hoje estudar aqueles que foram alunos de Natalino Ferreira Mendes. Agora fiquei curioso.

Vejo que não deu para falar do “algo maior” que cerca a obra de Natalino. Um algo maior que se encontra também na historiografia de Mato Grosso. Isso requer mais estudos que, infelizmente, não foram feitos.

A questão da predestinação

Neste último ponto pretendo desenvolver um aspecto que considero chave para entender Natalino Ferreira Mendes e a sua obra. Quase o desenvolvi antes, mas fico feliz por não ter feito, deixei o melhor para o final. Foi justamente ao ler os dois volumes dos “fragmentos” e de estudar a sua biografia que me permitiu desenvolver uma conexão entre este ponto e a importância da obra de Natalino.

Já mostrei que Natalino, fora a sua pesquisa sobre a administração municipal de Cáceres, não nos trouxe nada de novo do ponto de vista historiográfico. Ele não está interessado em descobrir algo novo, mas sim perpetuar o que já foi dito e que se sabe.

Neste ponto ele traz uma nova linguagem para os fatos históricos. O autor joga toda a sua verve literária para tornar esta história mais próxima dos seus conterrâneos. Mais do que isso, ele imprime um novo destino para a história de Cáceres e de Mato Grosso.

A história escrita por Natalino Ferreira Mendes, como um bom positivista, volta-se para o futuro.

Mas não se trata de um futuro qualquer.

Este futuro já se encontra determinado por uma visão de mundo. Uma ideologia... uma forte predestinação, que se encontra em/na fundação do Instituto Histórico de Mato Grosso e nos antigos discursos de políticos.

Esta “predestinação” se inicia nos registros das seções da Assembleia Legislativa em Cuiabá no século XIX, se consolida na ação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso na primeira metade do século XX, e ainda é perceptível em propagandas de televisão e em trabalhos acadêmicos.

Bem, é o que chamo de “predestinação”?

Existem certos discursos históricos que carregam uma predestinação, como se os personagens e acontecimentos da história estivessem interligados e destinassem a um determinado fim. Tal qual a Teleologia aristotélica, onde existiria determinados fins, ou metas, que estariam guiando todas as transformações da humanidade para chegar ao momento em que vivemos. [...] Tal lógica “teleológica” irrompe de uma natural sucessão de fatos, como se uma coisa levasse à outra. Mas, no fim, tudo termina da forma que conhecemos e que desejamos.

Muitas vezes, ao ler antigos e novos livros de história de Mato Grosso, a sensação que tive é que os bandeirantes estavam predestinados a esbarrem em veios de ouro e fundarem Cuiabá, [...]. Uma vez fundada Cuiabá, naturalmente a capitania surgiria, e, com ela, outras cidades e também o desenvolvimento de uma cultura que seria cuiabana. (Garcia, 2019, p. 21)

Ao ler os textos de Natalino, principalmente aqueles que falam da fundação de Cáceres, da criação da capitania, enfim, dos primórdios à expansão e conquista bandeirante, percebe-se que o autor não deseja alterar absolutamente nada nesta história. Não busca um detalhe que possa sair do trilho do destino pré-estabelecido. Não deseja encontrar um fato novo que possa mudar, inclusive para melhor, o resultado desta história.

Em primeiro lugar, como todos na corrente histórica conservadora, existe nele certa resignação para com os fatos históricos. Estas correntes entendem as suas narrativas como sendo a própria história e não uma construção posterior.

Eles confundem o fato histórico com a realidade do passado.

Em segundo lugar, agora falando especificamente dos positivistas, eles entendem a história como um longo caminhar evolutivo, para o paraíso terrestre.

O mesmo pode-se dizer dos marxistas e a passagem do capitalismo para o socialismo e deste para o comunismo. Acontece que os marxistas entendem a história a partir das contradições, do conflito, do motor da história que seria a luta de classes. São os conflitos que movem a história.

Positivistas como Natalino veem a história como uma linha evolutiva em que os conflitos mais atrapalham que ajudam. Até porque, a história e o mundo que os positivistas vislumbram é justamente o da classe dominante. Seus historiadores, cronistas e intelectuais estão a serviço desta visão de mundo.

Natalino Ferreira Mendes está imbuído não de alterar a história, mas sim de realizar aquilo que a história que ele conheceu estava destinada a cumprir. Ou melhor, predestinada. Por isso ele fala tanto em “Albuquerque” e a criação de Vila Maria.

Acho curioso ele tratar Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres por simplesmente de “Albuquerque”. A impressão que dá que são tão ín-

timos, as vezes chego a pensar que Natalino, quando criança, viu “Albuquerque” andando pelas travessas e ruas de sua querida Vila Maria do Paraguai.

Pois bem, nosso autor fala muito da “visão” excepcional de “Albuquerque” ao fundar Vila Maria. Para Natalino, não foi algo simplesmente pensado, muito menos ordenado, mas sim uma visão do ilustre nobre da Casa de Ínsua. Para ele, o governador teria criado a vila, com seu solo fértil, clima propício, localização fantástica, predestinada a ser o que ela viria a ser.

Natalino chegou a ver isso com os próprios olhos nos anos de 1950 e 1960, quando a imigração e colonização transformou Cáceres na terceira, ou segunda, cidade do Estado.

Se talvez, na sua mocidade essa predestinação pudesse ser apenas um sonho de criança, na sua maturidade ele teve a certeza de que estava certo. Cáceres viria sim a ser aquilo que “Albuquerque” sonhou.

É neste ponto que vejo a importância da obra de Natalino Ferreira Mendes. Ele deseja passar este otimismo e essa predestinação para as gerações futuras. No autor está mais para arauto que historiador. Mais para cronista do que para um pesquisador de fatos esquecidos e escondidos na história de Cáceres.

Natalino está mais para um educador, um professor que irá imprimir em gerações de cacerenses esta mesma visão de futuro. De que a cidade pode dar certo, pois tem tudo para dar certo. Ela está predestinada a isso.

Mas preciso fazer uma crítica. Uma crítica de historiador.

Se lermos as instruções dadas por Pombal à Luís de Albuquerque veremos que lá já existe a ordem de se criar uma vila no Rio Paraguai, no caminho de Vila Bela e Cuiabá. Lá também se encontra a orientação de atrair indígenas chiquitanos. Estas recomendações foram dadas pelo seu antecessor, o capitão-general Luís Pinto de Souza Coutinho e deve ter sido conversado com o primeiro governador de Mato Grosso, Antônio Rolim de Moura, que era praxe para aqueles que foram indicados para este cargo. O local chamado de Baiazinha do Paraguai, atual Cáceres, chamava atenção de todos pela sua posição estratégica e precisava ser ocupada e defendida.

“Albuquerque”, a caminho de tomar posse como governador em Vila Bela, passou pelo local em novembro de 1772, depois de mais de um mês em Cuiabá, e lá, ao chegar, faz um registro simples e não lhe dedica grande atenção. Como o fez em diversos pontos de sua viagem, como bem mostrou Gilberto Freyre no seu livro “Contribuição para uma sociologia da biogra-

fia: o exemplo de Luiz de Albuquerque, governador de Mato Grosso no fim do século XVIII”.

E vou mais além, mesmo com ordens expressas, só fundará Vila Maria seis anos depois da sua chegada, diferente de um Luís de Souza Coutinho que fundou Balsemão numa das cachoeiras do Guaporé, como lhe fora ordenado, antes mesmo de tomar posse em Vila Bela em 1769.

Talvez “Albuquerque” não tenha tido nenhum grande sonho para a vila que acabou de fundar, até porque não fez muito para engrandecê-la a ponto de se tornar um município. São Pedro del Rey, criado por ele um ano depois de Vila Maria, se tornou município bem antes. Trata-se de Poconé.

Mas, se o “Albuquerque” talvez não tivesse grandes sonhos para Vila Maria, outro governador de Mato Grosso teve. Falo de João Carlos Augusto d’Oeynhausien e Gravembourg, Marquês de Aracati, oitavo e penúltimo capitão-general governador da Capitania de Mato Grosso (1807-1819).

Este senhor, usando os mesmos argumentos de Natalino, ou seja, clima favorável, terra fértil e excelente localização geográfica, defendia que Vila Maria deveria ser a capital de Mato Grosso, e não Vila Bela ou Cuiabá.

“Oeynhausien” destinava a Cáceres um futuro bem maior que o sonhado por “Albuquerque”. Acontece que Natalino Ferreira Mendes não viu este sonho. Não descobriu por que não era historiador nato.

Um Historiador teria achado esse relatório e esfregado na cara da elite do Instituto Histórico e Geográfico de Cuiabá pela simples rivalidade bairrista. Um historiador teria tentado mostrar para sua gente cacerense que sua cidade poderia ter sido algo bem maior que o sonho de Albuquerque. Até porque, em 1824, um padre local, ligado à família Pereira Leite da Fazenda Jacobina, também defendeu essa transferência. E é bem provável que Natalino soubesse deste fato, pois encontra-se na obra de Sérgio Buarque de Holanda.

Natalino passou sua vida tentando mostrar que o sonho de “Albuquerque” estava se realizando. Esta foi a sua contribuição para gerações de cacerenses, imprimir um amor a terra e fortalecer a esperança de futuro. Minha crítica é que o “sonho de Albuquerque” era pequeno demais para as potencialidades da sua cidade e Natalino, tão apaixonado e preso numa história es-tática, não conseguiu enxergar outros sonhos, outra realidade.

Natalino Ferreira Mendes ficou prisioneiro na própria história que ele criou para si e para o seu povo. Nesta devoção aos seus “maiores”, tal como fez outro escritor local, Luís Philippe Pereira Leite, ele claramente se coloca

como um admirador de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, não só por ser o maior e mais famoso dos capitães-generais de Mato Grosso, mas por ele ser o fundador da sua querida cidade natal e que hoje carrega o nome do nobre português, senhor da Casa de Ínsua.

Esta predileção, quase uma paixão, lhe impediu de buscar novas fontes e outros registros, principalmente o que outros capitães-generais pensaram e sonharam para Vila Maria.

Com posturas assim que se percebe o quanto de historicista carrega o historiador cacerense que neste ano se comemora o seu centenário.

Natalino Ferreira Mendes não consegue e talvez nem quisesse ver além da paisagem da janela que sua residência histórica construiu. Esta residência é que lhe dá segurança e conforto. Qualquer informação que lhe tire da sua residência acabará ocasionado inseguranças e perigos quanto ao futuro da história que pretende anunciar. Por isso o vejo mais como um arauto do que um historiador.

Conclusão

Não é fácil realizar uma análise crítica de uma pessoa que, além de ser o maior nome da história de Cáceres, é pai de uma pessoa querida e que respeito muito. Algumas vezes tentei “passar o pano” na figura histórica de Natalino Ferreira Mendes para não criar conflitos. Mas sou um historiador crítico e justamente da corrente teórica que Natalino não só não pertencia como combatia: o marxismo.

Ao ler parte da sua obra percebi que a sua importância não estaria na pesquisa documental. Ele faz isso apenas em alguns trabalhos, como a *História Administrativa de Cáceres*, que muito se assemelha aos annais do senado das câmaras de Vila Bela e Cuiabá. Natalino não foi um “rato de arquivo” como os velhos historiadores historicistas, que passavam anos procurando numa carta ou num relatório, uma informação que poderia engrandecer a história de uma pessoa ou de uma localidade.

Não, Natalino não era este tipo de historiador.

Nem foi aquele que procurou formular uma nova explicação para a história da sua cidade.

Natalino Ferreira Mendes não conseguiu sair do trilho histórico que outros memorialistas e governantes forjaram para Cáceres. Mas ele acelerou

o trem da história cacerense sobre estes trilhos construídos nos séculos anteriores.

Natalino vê o trem chegando e deseja anunciar a todos a sua chegada.

Como um arauto nas paixões que vem de dentro, ele vê o trem chegando para brincar no quintal da sua terra.

Ele escuta os seus sinais e anuncia nos sinos da catedral.

Não, ele não é um historiador.

Memorialista, talvez.

Mas, certamente é o seu arauto.

Mais do que a história, ele ama a sua terra. E sonha que ela se torne aquilo que o “Albuquerque sonhou”. Mesmo que este nunca tenha sonhado nada ou sequer viu na vila que criou na beira do Paraguai, no ano de 1778, a cidade grandiosa que ela se tornou.

Referências

ABREU, Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Coleção Brasileira. São Paulo: Editora Itatiaia, 1977.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*, Volume I. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre Literatura e história da Cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987

BENJAMIN. Walter. *Teses sobre História*. Disponível em: https://www.proibidao.org/wp-content/uploads/2011/10/Sobre-o-conceito-de-historia_Walter-Benjamin.pdf. Acesso em 15 abr. 2024.

CUNHA, Euclides da Cunha. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Companhia das Letras. 1990.

FREYRE, Gilberto. *Contribuição para uma sociologia da biografia: o exemplo de Luiz de Albuquerque, governador de Mato Grosso no fim do século XVIII*. [s.l.]:[s.ed.], [s.d.].

GARCIA, Romyr Conde. *O Anjo Vigador e outros ensaios de história colonial de Cuiabá e Mato Grosso*. Mautitius: Nova Edições Acadêmicas. 2019

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. tomo II, vol. 1. 17ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil, [s.d.].

LEITE. Luís Philippe Pereira. *Vila Maria dos meus maiores*, Cáceres: 1978.

MENDES, Natalino Ferreira Mendes. *Efemérides Cacerenses - Vol I* Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1992.

_____. *História da administrativa de Cáceres, Publicação indicada pela Câmara Municipal de Cáceres*, através do Vereador Hênio Maldonado. Cáceres-MT, 1973.

_____. *Fragmentos da história cultural de Cáceres (vol. I)*, Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021.

_____. *Fragmentos da história cultural de Cáceres (vol. II)*, Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021.

LOWY, Michel. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*, 8.ed. São Paulo: Cortez, 2002.